



Cinema

Ano 1º
N.º 20

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Dolly Haas, principal intérprete do filme-opereta «O Tenente do Amor».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas officinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

A PRODUÇÃO "PARAMOUNT" PARA 1932/33

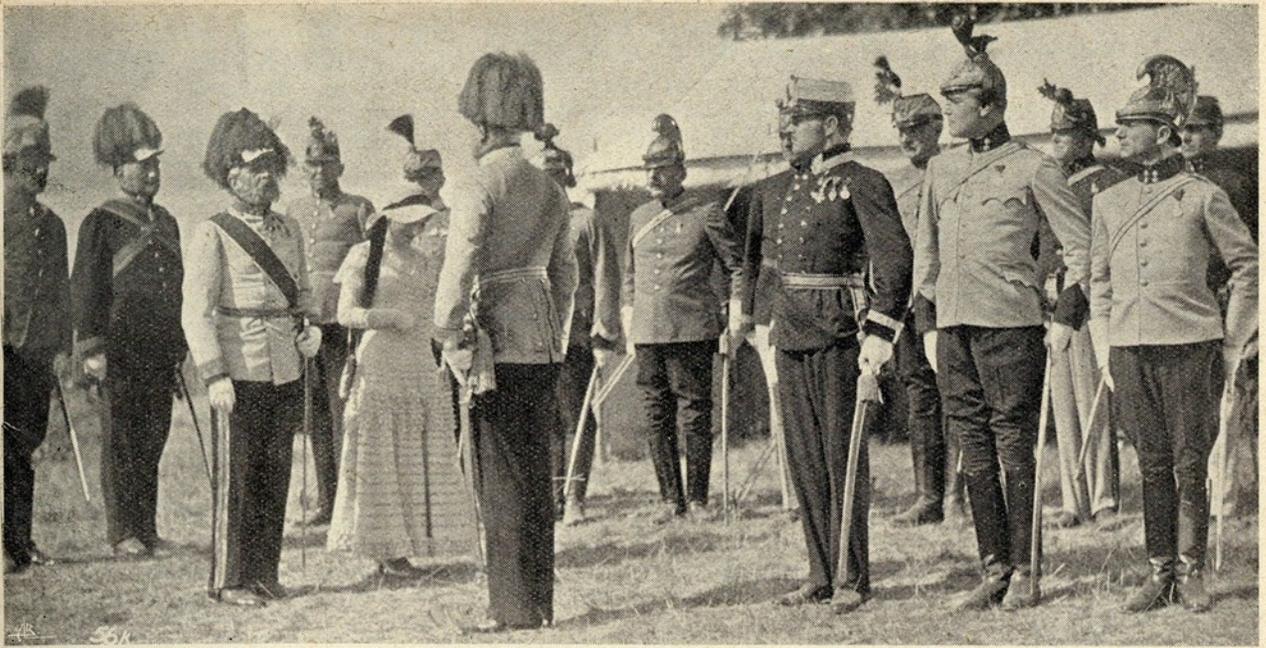
Em principios de Maio realizou-se em Los Angeles, no Hotel Ambassador, a convenção anual da «Paramount», a que assistiram 200 membros daquela casa, entre os quais Adolph Zukor (presidente), John Herz (chefe da comissão financeira), Sam Katz (vice-presidente), George J. Schaefer (director geral das vendas), J. H. Seidelman (director da secção estrangeira), directores das agencias americanas, etc.

Nessa convenção foi estabelecida definitivamente a lista da maior parte dos filmes que a «Paramount» produzirá em 1932/33, a qual a nossa revista é a primeira a apresentar em Portugal, talvez até na Europa:

TÍTULO	INTÉRPRETES	REALIZADOR
"Movie Crazy" (*)	Harold Lloyd e Constance Cummings	Clyde Bruckman
"Love Me Tonight" (*)	Maurice Chevalier e J. MacDonald	Rouben Mamoulian
"The Way To Love"	Maurice Chevalier	Não designado
"Sign of the Cross"	Adrianne Alle e Chas. Starrett	Cecil B. De Mille
"Blonde Venus" (*)	Marlene Dietrich	Joseph von Sternberg
"Deep Night"	Marlene Dietrich	Não designado
"Promised"	Marlene Dietrich	Não designado
"Horsefeathers"	Marx Brothers	Norman McLeod
"The Big Broadcast"	Bing Crosby e Lyda Roberti	Richard Wallace
"A Farewell To Arms"	Fredric March e Claudette Colbert	John Cromwell
"Pick Up"	Carol Lombard e George Raft	Não designado
"The Lone Cowboy"	Randolph Scot e Frances Dee	Não designado
"Anything For Sale"	Sylvia Sidney e Gene Raymond	Marion Gering
"Madame Butterfly"	Sylvia Sidney e Gary Cooper	Marion Gering
"R. U. R"	Sylvia Sidney e Fredric March	Rouben Mamoulian
"The Lusitania Secret"	Claudette Colbert e Randolph Scott	Não designado
"Hot Ice"	Richard Arlen	Não designado
"The Red Temptation"	Não designados	Norman Taurog
"Lives of a Bengal Lancer"	Clive Brook e Gene Raymond	Não designado
"The Song of Songs"	Miriam Hopkins e Herbert Marshall	Não designado
"Not Married"	Miriam Hopkins	Ernst Lubitsch
"No Bed Of Her Own"	George Raft e Adrienne Allen	Não designado
"Blood and Sand"	Tallulah Bankead e Cary Grant	Richard Wallace
"The Trouble With Men"	Mary Boland	Norman McLeod
"Fires of Spring"	Claudette Colbert e Fredric March	Não designado
"The Glass Key"	Carole Lombard	Não designado
"The West Pointer"	Cary Grant	Não designado
"Hot Saturday"	Carole Lombard	Não designado

Devemos salientar que não se trata da produção a apresentar na temporada 1932/33, mas sim dos filmes que a «Paramount» produzirá nessa temporada, muito embora alguns ainda possam ser apresentados em Portugal na próxima época.

(*) Em produção.



Antonia Scanagatti (Dolly Haas) ouve Sua Alteza ordenar, a seu pedido, a transferência, para Trieste, do Tenente Von Lorenz (Gustav Froelich) que aqui vemos à direita, em primeiro lugar.

Cena do filme-opereta «O Tenente do Amor», realizado por Geza von Bolvary, com música de Robert Stolz.

O Cantinho dum Cinéfilo

Lilian Harvey a querida Lilianzinha de todos nós, vai para Hollywood, contratada pela «Fox» — disse-o, no último número, «Cinema», a primeira publicação portuguesa a inserir tal informe.

Ainda não ha muitos dias uma revista americana, a propósito de «O Congresso que dança» estreado em Nova-York com bastante sucesso, dizia que Lilian Harvey recusára as ofertas que lhe tinham sido feitas para ir trabalhar em Hollywood, e afirmara «que mais valia ser rainha do cinema da Europa do que uma actriz como as outras na América». Esta frase, que parece parodiada da História de Portugal, não perturbou o jornalista americano, que escreveu por baixo do retrato de Lilian Harvey: «Mas se lhe oferecerem o dobro? E o redobro?»

O jornalista tinha razão. Ao poder do dólar ninguém resiste. Nem mesmo a Lilianzinha, embora presa ao Velho Mundo por uma corte numerosa de admiradores, por uma legião de filmes que é uma legião de êxitos, por amizades fortes, por cooperadores inesquecíveis, por nomes que a ajudaram a subir às culminâncias do sucesso, desde Richard Eichberg a Erich Pommer e Wilhelm Thiele.

Lilian Harvey vai chorar muitas lágrimas, quando se despedir dos seus bons amigos de Berlim. Porque, não sei se vocês sabem, Lilian não é só muito querida de nós, cinéfilos portugueses, nem só dos cinéfilos de todo o mundo. É o *enfant-gâté* da «Ufa». Soube-o há dois anos, quando, conversando com Emil Jannings e algum pessoal dos estúdios de Neubabelsberg, lhes falei em Lilian Harvey, que eu também pretendia entrevistar. Foi Pfeiffer quem me respondeu: «A nossa Lilian? Está em férias. É pena que você não possa conversar com ela. Veria que rapariga encantadora, em carne e osso!» E assim por diante, sempre lastimando que a Lilian *deles* estivesse ausente de Berlim. Ai soube como lhe queriam muito, e por isso não duvido de que Lilian Harvey, mesmo que parta na companhia de Willy Fritsch, que em Outubro próximo já será, de-certo, seu marido, deva sentir as lágrimas perlar-lhe pelo rosto, quando se despedir de Pommer, de Pfeiffer, de Thiele, de Liebmann, de Kettelhut, do seu quasi inseparável fotógrafo, o veterano Karl Hoffmann, de todos os grandes obreiros da

«Ufa», que a adoram, que lhe querem imenso, que ela estava habituada a ver todos os dias, que quasi faziam parte integrante da sua vida.



Mas a Vida é assim. E Sua Majestade o Dólar ainda tem muita influencia. Ainda vale 4 marcós. E Lilian Harvey não pôde resistir mais. Winfield Sheehan, o grande magnate da «Fox», chegou ha dias a Berlim, falou baixinho ao ouvido de Lilian, e pronto! — a protagonista de «O Caminho do Paraíso» partirá em Novembro para a Movietone City, terminadas que estejam mais duas ou três fitas que faltam para a expiração do seu contrato com a «Ufa».

Aos cinéfilos portugueses não deve ter agradado muito tal noticia. Isto sem desprimôr para a casa «Fox», que é uma das primeiras do mundo. Mas sem dúvida que as suas futuras películas carecerão daquele ambiente, que nós achavamos tam simpático e tam familiar, das fitas da Lilian para a «Ufa». A gente já era *tu cá, tu lá* com toda aquela feitura: as versões francesas, a produção de Pommer ou de Staphenhorst, a direcção de Thiele ou de Schuenzel, a co-interpretção de Henry Garat, a fotografia de Hoffmann, a música de Heymann, a letra de Jean Boyer, a distribuição de H. da Costa, tudo parecia apropriado, adequado, indispensável quasi, nas fitas de Lilian Harvey. Agora, por muitos cuidados que tenha a «Fox», memo que lhe dê como director o Frank Borzage ou o William K. Howard, como *partenaire* o James Dunn, o Charles Farrell ou o Warner Baxter, como fotógrafo o Lee Garmes, fica-se com a impressão de que as suas fitas serão, talvez, excelentes produções para a América, mas não atingirão, cá deste lado, o grau de entusiasmo que teem despertado as suas fitas para a «Ufa».

Pelo menos, o público que suspira por «A Quimera do Ouro» e por «Charlot nas Trincheiras», diante de «Luzes da Cidade», por «A Hora Suprema», diante de qualquer nova fita de Janet Gaynor, ha de sempre dizer, por melho-res que sejam os filmes americanos de Lilian Harvey:

«Ah! Como «O Caminho do Paraíso»!...»

C
I
N
E
M
A

Carta de Nova-York

Artur Coelho, brasileiro ilustre, nosso grande amigo e bom amigo de Portugal, que de ha muitos anos se encontra à frente da secção portuguesa da "Paramount" em Nova-York, não é nosso correspondente na grande metrópole americana. Esta carta foi-nos escrita particularmente, mas não podemos furtar-nos ao desejo de a comunicar aos leitores, tal o agrado com que a recebemos, tal o interesse que lhe notamos:

Nova York, 6 de Maio de 1932.

Meu caro Armando Pereira:

Saudações e muitos leitores para a sua revista:

Li o bilhethinho que você fez inserir num dos últimos números de «Cinema», a mim dirigido, e abilhetadamente aqui tem você a resposta.

Já não me recordo, depois de tanto tempo, em que pedras toquei ao fazer aquele artigo-missiva, em que eu bulla com você e com o Gonzaga, a propósito do cinema falado. Se, porém, o único obice que lhe encontrava você era esse da enormidade dos diálogos, lengalenga muito de teatro e que ainda hoje ouvimos em muitos dos filmes produzidos, se era só isso, então entre nós não devia haver nenhuma diferença de idéa, porque eu também não bato palmas a essa loucura sem sal. Já naquele arrazoado que escrevi sobre as acusações de Pirandelo ao cinema falante, deixei bem clara a minha opinião a tal respeito.

E se o excesso de diálogo é defeito imperdoável num filme mesmo cá na terra onde se fala a língua do seu «sound-track», que dizermos da sua apresentação no estrangeiro, onde o grosso do público vai gular-se pelas legendas que, por serem tantas, bombardeiam a vista do espectador sem lhe dar tempo para nada?

O que eu discutia — agora parece que me lembro — era a superioridade do «falado» sobre o «mudo». E isso ainda o sustento. Ainda ha pou o, subindo ao nosso salão de projecção para ver uma comédia com títulos sobrepostos, lá estava Mr. Fleischer, o homem das caricaturas animadas, com uma turma de gente sua a provar na tela um desses filmes tam interessantes. Parte dela já estava sincronizada e outros trechos só completos quanto aos desenhos, faltando-lhes música e sons. Aí podia-se ver a clara e gigantesca importância do som em relação às partes mudas daquela pequena comédia. E o mesmo vale para toda a produção cinematográfica. Essa enormíssima vantagem não quer dizer porém

que se abuse de sons — especialmente dos que se articulam em forma de palavras.

Com isto creio que também você concorda, sendo por seu turno idéa vencedora entre os próprios produtores, que de ha muito se esforçam por estabelecer um certo «standard» para o número de diálogos das produções. E a acção tomada em campo aberto — característica muito do cinema — também se impõe, porque uma coisa implica a outra. Eu, por mim, confesso que estou «perdido» para o teatro. A semana passada fui ver «Mourning Becomes Electra», a formidável tragédia de Eugene O'Neil, que leva 8 horas de pano a pano. Pois de lá saí horrorizado com aqueles bastidores lúgubres — morte sobre morte, traição sobre traição, loucura sobre loucura — e a fala «dramática» dos minguidos personagens, duas mulheres taradas, ao gosto de



Tambem para o camarada Artur Coelho a Sylviazinha Sydney "é uma das melhores garotas que ha hoje no cinema"...

Sophocles, mãe e filha, e mais três homens imbuídos da mesma sanha patológica. O único «tipo» real, para mim, era o do jardineiro, um velho alegre, que aparecia de vez em quando quebrando o ar fúnebre do resto.

Isso póde ser arte do melhor quilate, mas não para mim! O mesmo experimentei ao ver Lysistrata, outra velharia grega, de valor muito relativo. A peça de O'Neill baseia-se em acontecimentos da vida nacional, mas nem por isso me

agrada. O cinema tirou-me o gosto do teatro... No palco tudo me parece assombrosamente falso, sujo, escuro, estafante, desengraçado... Enxergar comodamente, no teatro, só o conseguimos os que se sentam em lugares vantajosos. No cinema, toda a representação entra pelos olhos. E o mesmo se dá com as falas, que no teatro requerem também bons lugares e uma atenção danada, especialmente em teatros grandes, como aqui os ha.

O outro dia deram os jornais americanos uma nota telegráfica, vinda da Russia, dizendo que dois produtores de cinema tinham sido condenados à morte por estarem traíndo o ideal cinematográfico dos Soviets. Depois, por muita consideração, comutaram-lhe a pena em prisão perpétua. Não sei qual seja esse «ideal cinematográfico» russo; se é o fazer maus filmes — de histórias pífias e execução erronea e mal cuidada — creio que a medida de se fusilarem os maus directores muito aproveitaria em toda a parte, principalmente em Hollywood, onde a aparelhagem excelente não justifica de maneira alguma filmes de qualidade inferior.

Haja inteligência, e os filmes serão a melhor e mais perfeita diversão do mundo. Falados, porém, mais inteligência exigem.

Li também o que você disse sobre esses títulos de «Ruas da Cidade», que foram aí substituídos por outros de melhor linguagem. Eu traduzi esse filme e não duvido que os tais erros tenham sido aqui notados, já pronto o filme, e que os deixassemos passar por não mais valer a pena a correcção diante do preço que nos custa. Nada mais natural que em tantos letreiros a gente meta os pés pelas mãos, e terminado o «print», nele surjam erros. Não sendo graves, em geral não os corrigimos porque cada emenda ex'ge a impressão ou cópia de toda a parte, 1000 pés, onde haja o erro. Esses letreiros são ligados de um ao outro por tiras de celuloide transparente. Havendo erro, temos que mandar recompor o título em negativo — cartão negro e tinta branca — e depois de fotografado, colocá-lo em lugar do errado, e fazer nova impressão em filme virgem de toda a parte, pois, sendo o «sound-track» tomado em filme separado, por si só, independente do negativo das imagens, só começando do começo se poderá manter a sincronização. Assim, são três peças que se sobrepõem na impressão da fita: negativo de imagens — «sound-track» — filme virgem para receber a cópia positiva de imagem e som.

Ora, quando aí vão fazer uma correcção, suponho eu, tem de fazer um negativo do positivo que recebem, para

depois, com o título correcto, voltarem a imprimir o pedaço do «print» onde está a correcção. É claro que o som e talvez mesmo a nitidez do filme hão de sofrer com isso.

Uma simples correcção custa-nos aqui, pela necessidade de copiar toda a parte, a importância de 40 dólares. Daí o deixarmos passar alguns erros para não sobrecarregarmos o preço da cópia de mais essa não pequena parcela.

A «Paramount» está agora provando máquina nova, inventada pelo pessoal de Long Island, que vem modificar toda essa técnica, pois o filme fica impresso de uma vez, por projecção, sem mais carecer de «montar» todos os letreiros entremeados de celuloide branco (transparente). Todos os letreiros, nos seus respectivos «footages», são ligados numa tira contínua. A máquina tem de um lado negativo-imagem e «sound-track» sobrepostos e do outro o rôlo de letreiros. Como o filme negativo é feito à base de «cenas» (seqüências) a tantos pés e tantos «quadros» (frames) por cena, é graduada a máquina de acordo com o número de diálogos «mortos» e diálogos que devem receber sobreposição de legenda. Isto feito, segue a impressão por luz. Cada vez que chega ao seu lugar, dá-se a projecção do letreiro sobre o negativo-sound-track, ficando a cópia completa. Em seguida, prossegue a máquina com a impressão imagem-«sound-track» até que chega a vez de novo letreiro e outra vez abre-se uma janellinha e é a tradução do diálogo transposta à cópia, e assim até o fim. Este sistema vem tornar a impressão mais barata, pois a tira de letreiros não mais carece de ter a mesma metragem do filme; como os letreiros caem matematicamente no lugar das frases por êles traduzidas, evita-se o gasto dos entremelos brancos.

É para você ver: a «Paramount» está sempre melhorando!



la fazer-lhe um bilhete... e saíu-me um calhamaço.

Eu também sou um entusiasta da Sylvia Sidney. Para mim é uma das melhores garotas que ha hoje no cinema. Pelo menos para certos papeis, onde o sentimento se faz preciso. Vi-a outro dia no «Homem Miraculoso» (The Miracle Man) Está bonitíssima, embora não tenha grande papel. E o filme, apesar dos milagres, está de convencer até às lágrimas. Outro filme muito bom é «The Strange Case of Clara Deane». Aí vai

Se depois de tudo o que lêste ficaste com desejos de vêr ou de tornar a vêr a Sylvia Sidney, teras uma oportunidade de satisfazer êsse capricho, querido leitor, assistindo à matinée de "Cinema", que se realiza no dia 15 no "Trindade". Não te esqueças de que "Ruas da Cidade" foi o filme que consagrou Sylvia Sidney.

você ver como essa mulher, Wynne Gibson esteve mal colocada até agora, fazendo mulheres da baixa escala. Em papeis sérios e dramáticos ela se desempenha à maravilha!

Lembranças do amigo certo,

ARTUR R. COELHO.

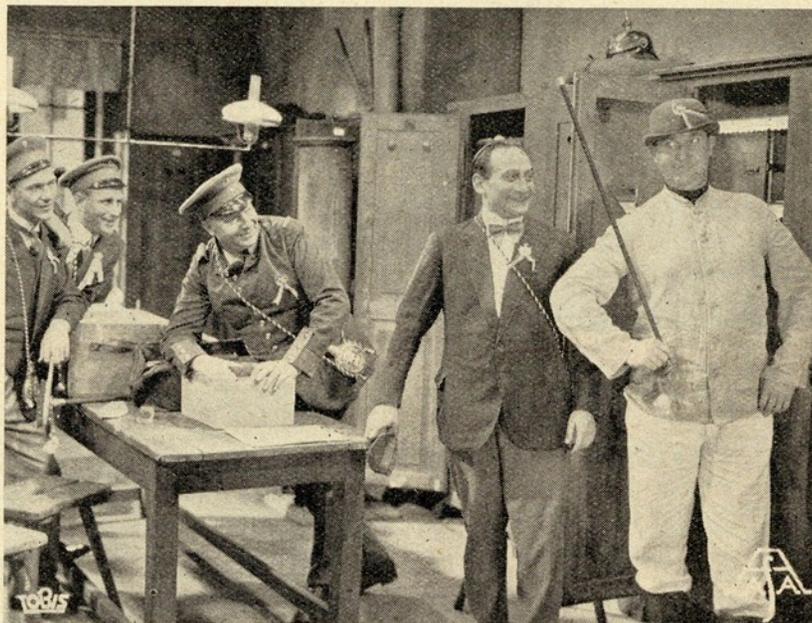


Ouvimos dizer...

que as casas americanas "M-G-M", "Paramount" e "Fox" apresentarão em Portugal, para a próxima temporada, um total de mais de 100 fitas.

que só a "M-G-M" apresentará uma lista com cerca de 40 produções.

que a "Agência H. da Costa", só da "Ufa", conta com um mínimo de 12 fitas em francês.



A Companhia Cinematográfica de Portugal vai apresentar brevemente um dos grandes exitos dos últimos tempos, a opereta alemã «Milícia da Paz», um verdadeiro sucesso de gargalhada, com Claire Rommer e Fritz Kampers

que vai ser uma época animada, com muitos cinemas e muitas fitas.

que quem está a lucrar é o público.

que só se ignora se o público tera também muito dinheiro...

que o "Teatro Rivoli" vai apetrechar-se com sonoro, para o que der e vier...

que é quasi certa a instalação dum aparelho "Klang Film".

que o "Carlos Alberto" não decidirá sobre a marca do aparelho sonoro, senão pouco antes da inauguração.

que as instalações sonoras na provincia estão aumentando sensivelmente.

Al Jolson em Londres

Al Jolson, o cèlebre protagonista de "O Cantor Louco" e "O Meu Camarada", logo que termine "Heart of New-York" ("Coração de Nova-York"), que está fazendo para a "United Artists", virá à Europa, devendo aparecer em vários teatros de Londres.

que o "Batalha" vai reexibir brevemente "Luzes da Cidade", de Charlot.

que é possível que tal filme passe ao mesmo tempo no "Olympia".

que os preços de qualquer daqueles cinemas não serão aumentados.

que o "Trindade" exhibirá em princípios de Julho o esperado filme "Tabu", de Murnau.

que Castelo Lopes continuará distribuindo na próxima temporada as fitas "United Artists" e "Universal", não contando com as europeias, de várias marcas.

Joseph Schildkraut casou

Em Viena, casou em 27 de Maio findo o conhecido actor Joseph Schildkraut com uma rapariga inglesa, Miss Lilian Mary McKay.

C
I
N
E
M
A
5

"O Tenente do Amor"

Opereta da «Super-Film». Realização de Geza von Bolvary. Música de Robert Stolz.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Dolly Haas, Gustav Froelich e
Vibor von Halmay



res militares e mantem a disciplina entre os seus alunos. Mas as suas noites livres passa-as num cabaret da cidade onde se encontra trabalhando uma das suas amigas, Wia Fleuron.

Von Lorenz começa a interessar-se pelo aluno Scanagatti e, de observação em observação, vem a suspeitar de que Scanagatti é uma rapariga.

Entretanto, Francesco, o irmão de Antónia, tira o curso do Conservatório com distinção e uma das suas composições obtém o primeiro prémio.

O Conde Scanagatti pai, lê num jornal a noticia dos triunfos do filho e parte para Viena a esclarecer a situação.

Uma vez na Academia pede para falar ao Director. O Tenente von Urzaiz previu e von Lorenz e ambos esperam com ansiedade o resultado da conferência. Mas a entrevista com o Comandante, que só fala alemão, e o Conde, italiano, que de alemão pouco ou nada percebe, torna-se deveras embaraçosa. E enquanto o pai fala em retirar Antónia da Academia o Comandante, sempre persuadido de que se trata de um rapaz, diz-lhe que sendo o aluno Scanagatti um dos melhores do colégio pó-lo deixá-lo continuar, pois farão dele um homem de valor.

Von Lorenz, sabedor desta resolução,

Já nos séculos passados, os Condes Scanagatti serviam no exército austriaco e recebiam a sua educação na Academia Militar de Viena. Mas o Conde Giuseppe Scanagatti, como toda a sua vida fora um doente, não seguiu a carreira das armas. E o seu maior desejo era que seu filho Francesco, seguindo a tradição da sua casa, entrasse para a Academia Militar.

Mas Francesco, que tem a paixão da música, prefere ir antes para o Conservatório. Sua irmã Antónia tem um feitio ardente e belicoso como os Scanagatti seus antepassados. E quando seu pai consegue matricular Francesco na Academia, Antónia, vendo a má vontade do irmão, veste-se de rapaz e entra para a Academia como sendo Francesco.

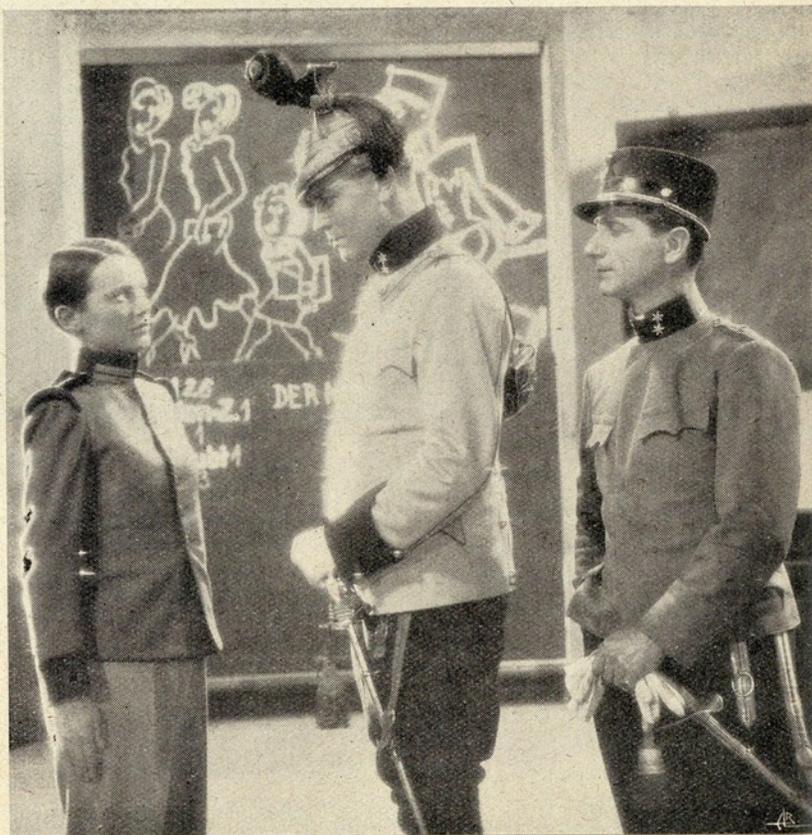
Ninguém dá pelo engano e Antónia consegue, pela sua bravura e pela sua inteligência, ser o primeiro aluno.

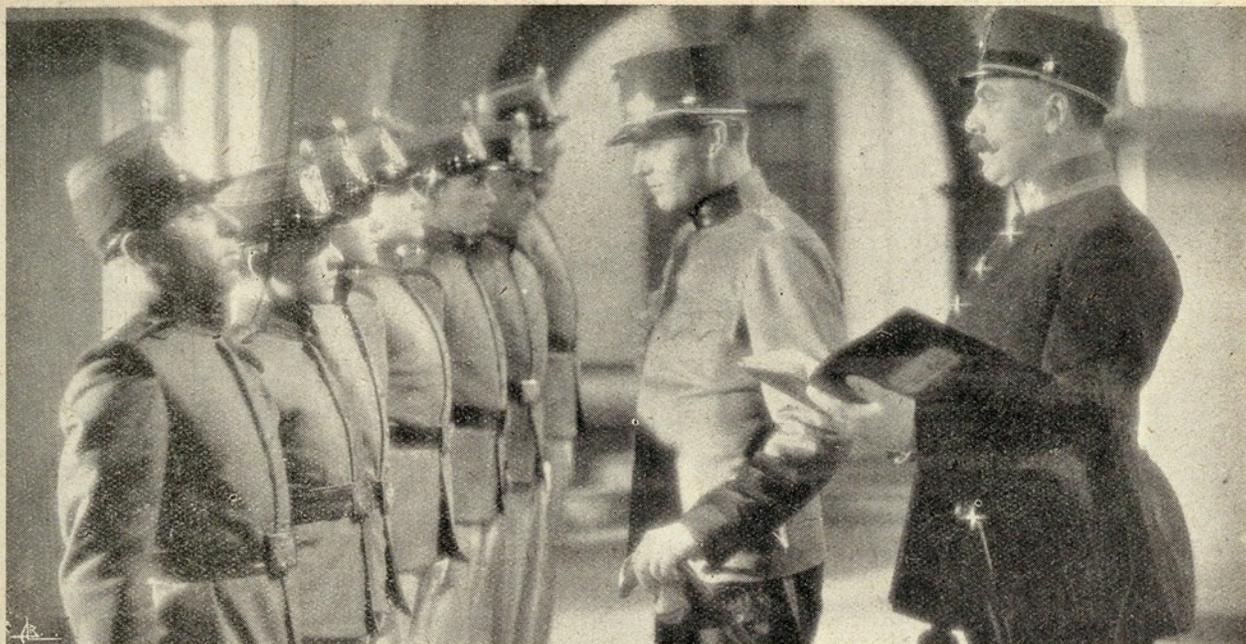
C
I
N
E
A única pessoa a par da situação de Antónia é Elizabeth, a filha do Comandante e Director da Academia. O Tenente von Urzaiz está apaixonado por Elizabeth e é Antónia quem facilita os encontros entre os dois namorados.

* * *

M
A
O Tenente von Lorenz é transferido para a Academia por castigo, em virtude das suas inúmeras e escandalosas aventuras de amor.

6 Destacam-no para o Comando do grupo a que pertence Antónia. O Tenente von Lorenz é escrupuloso nos seus deve-





resolve guardar segredo, pois há muito que ama Antónia.

Na récita que se efectua no fim do curso, distribuem a Scanagatti um papel de mulher a que a sua figura delicada dará mais realce. O Tenente von Lorenz fará o papel de galã. E, durante o ensaio, na cena do beijo, von Lorenz beija Antónia com mais ardor do que seria próprio numa representação.

Na mesma noite Antónia vai ter com a sua amiga Elizabeth para lhe contar o que se passou. Mas o Comandante, vendo entrar um aluno no quarto de sua filha, fica indignado. O Tenente von Urzals, está junto d'ele e oferece-se para salvar a sua honra casando com a filha. E o Comandante que não vira até aí com bons olhos esse enlace, recebe agora a ideia com bastante prazer. Mas o Comandante

entrando no quarto da filha, vem a saber que o aluno Scanagatti é uma rapariga. E para cumulo de pouca sorte chega à Academia sua alteza antes do Comandante poder providenciar sobre o caso Scanagatti. Felizmente, porém, sua alteza tem bom coração e manda Antónia para Trieste, para junto de seu pai, e castiga von Lorenz transferindo-o também para Trieste...

No "Salão da Trindade"

Uma sessão oferecida aos leitores de "Cinema"



Realiza-se no próximo dia 15 do corrente, no «Salão da Trindade», a festa desta revista, com uma *matinée* dedicada aos seus leitores.

Para tomar parte nessa *matinée*, bastará que cada leitor apresente na bilheteira o presente número e o próximo.

A sessão será preenchida com a exibição do esplendido filme sonoro «Ruas da Cidade», um dos maiores êxitos da temporada, tanto pelas maravilhas da realização, na qual, se manifesta, em toda a sua pujança, o extraordinário talento de Rouben Mamoulian, como pela atracção do enredo e acerto da interpretação.

Como os nossos leitores viram já, em ocasião oportuna, pela crítica do director desta revista, trata-se dum desses filmes que nos embriagam com a sua beleza, que «marcam momentos inesquecíveis para aqueles que acompanham o cinema desde a sua infância ou simplesmente para os que sabem apreciar uma obra essencialmente artística.»

«Ruas da Cidade» é um trabalho verdadeiramente magistral de cinema, e, se não o melhor, um dos melhores fono-filmes feitos até hoje. Essa admirável e extraordinária produção da «Paramount» que os leitores de «Cinema» vão ter mais uma vez e apreciar, com o simples trabalho de coleccionar dois números, contra apresentação dos quais lhes será facultada a

recorramos desta fórmula facilitar aos leitores de «Cinema» tôdas as vantagens possíveis. Esperamos, por isso, que nesta boa nova aos seus amigos e conhecimentos, para que adquiram este e o próximo número, a fim de não a ocasião de admirar, pela primeira vez ou de novo, um dos mais assombrosos trabalhos cinematográficos dos tempos.

desta forma teremos o prazer de ver reunida no próximo dia 15, no «Salão da Trindade», toda a família espísta revista.

estemunhamos antecipadamente os nossos agradecimentos muito sinceros a todos que se dignarem comparecer à *matinée*, abrangendo neste reconhecimento a «Paramount», que gentilmente nos cede o seu prodigioso filme, e a do «Salão da Trindade» pelas atenções de que nos tem dado tantas provas, que obrigam à nossa perene gratidão nos facilitar mais este ensejo de nos pormos em contacto com os nossos estimados leitores. No próximo número daremos as últimas instruções.



Jackie Coogan e Mitzi Green, os dois «pequenos grandes» artistas que interpretam os protagonistas de «Aventuras de Tom Sawyer», uma produção da «Paramount» que é o primeiro filme falado do «garoto de Charlot»

Indiscrições de Hollywood

Os «astros» não se devem casar!...

Durante muito tempo tudo parecia côr de rosa na famosa indústria do cinema. Havia passado a aprendizagem aborrecida e os lucros caíam como fabulosa chuva de ouro nos cofres dos produtores, dos directores e dos artistas. Gastava-se dinheiro às mãos cheias e Hollywood adquiria o prestígio aladinesco que mais tarde se converteu em ridícula caricatura. Então podia-se ser «estrela» do cinema e permanecer num estado quasi de analfabetismo. O grande êxito das «estrelas» femininas reduzia-se a um belo rosto e umas fórmias mais ou menos perfeita. Quanto aos actores, divid'am-se em três categorias: o galã jôvem, de cabelo assente à força de brilhantina, olhos postos em branco e profundas olheiras escuras; o galã apaixonado, com virilidades de homem primitivo; e por último o vilão, que ficava sempre mal no fim da fita.

Mas encontrou-se uma voz no cinema silencioso. E estremeceu toda a compararia desta farça celulôica...

E De novo começou a aprendizagem... Novos rostos começaram a aparecer na pantalha.

Hollywood comoveu-se. Setenta e cinco por cento das «estrelas» triunfadoras da era silenciosa encontraram-se de súbito impotentes em frente das exigências do «mike», que sem estar ainda

aperfeiçoado, tinha uma marcada tendência para metalizar a voz humana, fazendo-a desagradável e brusca; e então as belas luminárias deram conta de que a gramática se separara cruelmente delas pela negligencia com que a trataram nos seus remotos tempos escolares.

A sua igno-ância na arte teatral, pelo que respeita à dição e ao domínio da voz, e os seus cérebros órfãos de talento para memorisar, eram um obstáculo formidável em presença d'este novo aspecto da cinematografia. Mas depois de um período relativamente curto, a indústria conquistou de novo as suas glórias.

O microfone humanizou-se. Os artistas analfabetos aprenderam rapidamente a arte de falar. O teatro legítimo invadiu a pantalha com muitos valores positivos. E tudo parecia voltar milagrosamente à normalidade quando o coração colectivo da industria deu um salto mortal dentro do peito.

Tudo ia perfeitamente em ordem pelo que respeitava ao idioma inglês; mas os outros países? Havia que perder o «contrôle» depois de ter feito de Hollywood a grande fábrica para sair de filmes o mercado universal? E os israelitas, que controlam o negócio cinegráfico, afadigaram-se para encontrar a solução que tornasse possível continuar a conquistar os famosos lucros que os haviam

transformado em magnates importantes. E de novo outro período de incerteza e de prova entenebreceu as noites dos grandes produtores...

Velo depois uma outra dor de cabeça para os magnates da indústria cinematográfica, originada pelo desequilíbrio financeiro em que presentemente se debate o mundo.

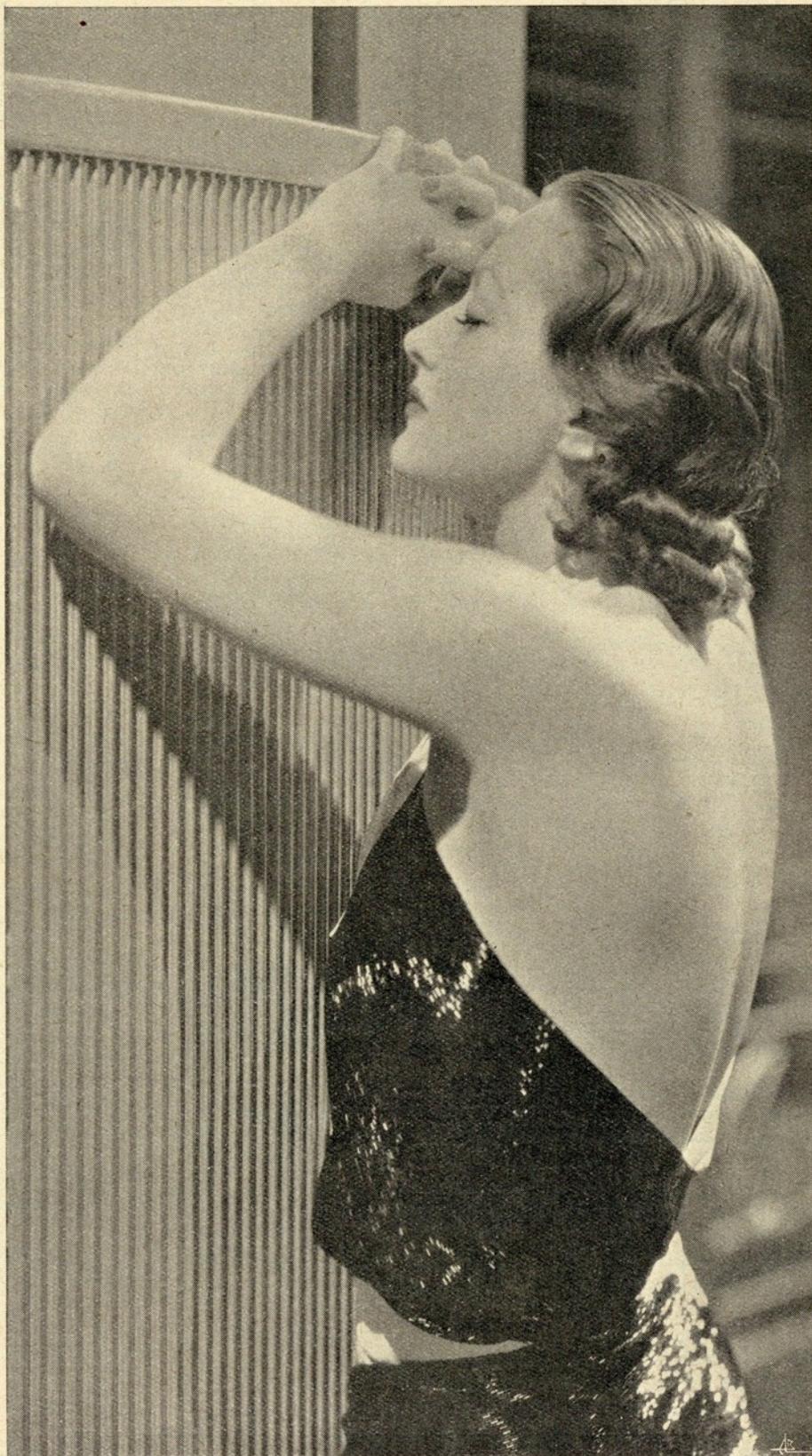
E acima deste problema de lenta e duvidosa solução pelo momento, velo a hecatombe final do problema dos casamentos de Hollywood...

Os senhores industriais fizeram uma análise conscienciosa do produto líquido que esta ou aquela «estrela» deixa nos seus cofres, e uma verdade rotunda surgiu ante os seus olhos: a maior parte dos fracassos ou dos êxitos das «estrelas» masculinas está relacionada intimamente com o seu estado civil.

Em certas ocasiões o referido estado civil afecta a luminária do sexo feminino, mas estes casos constituem uma excepção.

Para o êxito ou fracasso do artista contribuem de maneira indirecta, mas segura, os fanáticos do cinema, os meninos cinéfilos, os que fizeram desta diversão uma necessidade espiritual. Especialmente a fanática, a cinéfila «enragé», tem uma influencia decisiva no futuro da «estrela» masculina...

Os nossos cinéfilos são uns injustos, uns ingratos. Ainda não repararam bem em Joan Crawford. Na América, basta anunciar um filme de Joan Crawford para que as bichas se formem nas bilheteiras. A "M-G-M" não a larga nem por nada. E a "United Artists", que precisava do talento e da beleza de Joan Crawford para a protagonista de "Rain" ("Chuva"), que está fazendo com Lewis Millestone (o famoso director de "A Oeste Nada de Novo") como realizador, viu-se grega para que a "M-G-M" lha emprestasse. Por fim, lá consentiu. Mas só "emprestada"!...



Esther Ralston e Conrad Veidt vão filmar em Londres

Esther Ralston, que, como já noticiamos, se encontra trabalhando no teatro, em Londres, foi contratada pela "Gaumont-British" para interpretar a protagonista de "The Rome Express", com Conrad Veidt como primeiro actor, sob a direcção de Walter Forde.

A mulher, sentimental e romântica por regra geral, tem necessidade de enganar o seu próprio coração com o alimento de um amor quimérico, belo, impossível, para contrabalançar as inevitáveis vulgaridades da vida comum. E é aqui que surge no seu espírito a necessidade de buscar o ideal. Uma vez encontra-o entre as páginas de uma novela; outras vezes num filme. Este último tornou-se definitivamente o dono do campo: é mais tangível, mais verdadeiro... Vê-se, revê-se, quasi que se sente o ente amado...

Muitas das mulheres enamoradas por este ideal longínquo, sabem que possivelmente nunca chegarão a conhecê-lo. Que a vida nunca as porá perto do herói, do amador perfeito... Que milhões de mulheres sonham com ele... E não obstante, no recondito do coração, ha uma vaga e absurda esperança, — um anelo que se alimenta desta ilusão... Porque não? Acaso o Destino não tem caprichos inverosímeis?

E aqui se revela um feito insólito: os produtores, exhibidores e psicólogos (destes últimos ha um verdadeiro exercito em Hollywood) acabam de descobrir uma verdade inquestionável: os galãs jovens da pantalha, os que mais ardente entusiasmo prenderam no coração de mil fanáticas, ao converterem-se na vida real em maridos, esfriam notavelmente a paixão nas suas admiradoras disseminadas por todo o mundo.

As mulheres perdem interesse pelos

Novos filmes da «Ufa» em Nova-York

Depois de "O Congresso que Dança", que com grande exito se estreou no "Rivoli", de Nova-York, a "Ufa" vai apresentar naquela cidade "Dois Corações a Compasso" e "Um Homem Feliz". Da primeira será a versão inglesa, com Lillian Harvey e Wolf Albach-Retty e da segunda, a alemã, com Kate de Nagy e Hans Albers.

actores casados. Isto diminui o êxito de bilheteira. A popularidade do astro descaí e os produtores percebem que já não basta anunciar em cartazes gigantescos um nome mágico para fazer rebentar o cofre dos teatros.

Agora, pois, o problema não depende das fitas faladas, das vozes das «estrêlas», do mercado universal, — mas sim no aspecto casamenteiro de Hollywood.

O problema oferece sérias dificuldades. Como proibir um galã que se case quando lhe apetece?...

Isto está mais além das attribuçõs dum produtor.

Ao par que acaba de pronunciar os eternos votos de fidelidade conjugal não importa nada que algumas meninas românticas se sintam defraudadas nas suas esperanças e que se ponham de pé os cabelos do distribuidor ante a indiferença com que as mulheres passam em frente do cartaz com letras inverosímeis e titulos audazes.

A única solução que os pobres realizadores de filmes encontraram é de não dar publicidade aos casamentos dos seus galãs românticos e populares. Diz o produtor: «que rebentem de felicidade, mas que se calem!...»

E até aqueles actores para quem a carreira artistica é a coisa primordial e que catalogam qualquer outro acontecimento da sua vida como coisa secundária, preferem e exigem que a sua vida privada seja discutida o menos possível e que deixem na sombra a figura da sua mulher.

Ha um grupo de actores cujo principal êxito está no seu ascendente sobre as mulheres. São os galãs jovens que realizam o supremo ideal feminino. Entre êles citaremos Maurice Chevalier, Clark Gable, Robert Montgomery, Clive Brook, Richard Dix, Richard Arlen, William Boyd...

Chevalier, por exemplo, o perfeito amante despreocupado e insolente é, na vida privada, um marido devoto e enamorado de Yvonne Vallée, sua mulher. Sem embargo, jamais consente nas entrevistas que concede que mencionem a sua felicidade conjugal. E quando um reporter aventureiro fala da bela e simpática Madame Chevalier, o público pode estar seguro que o faz indo contra os desejos e ordens do grande comediante francês.

Grace Mack, escritora americana de amplos conhecimentos no mundo teatral, disse que Richard Arlen podia converter-se num amante espectacular, sensacional, bravo, se não se tivesse dado tanta publicidade à sua perfeita felicidade com Jobyna Ralston, sua encantadora mulher.

Muitos escritores e jornalistas, atraídos pelo romance que inspirava este par, visitaram-o nos seus domínios privados, falando depois da felicidade de Richard e de Jobyna. Mas qual foi a reacção popular feminina? Richard passou de herói a talentoso mas simples actor que não acende entusiasmos nem enlouquece as mulheres...

John Gilbert foi, durante muito tempo, o centro dos olhares femininos. Era um dos amantes modélos. Depois veio a

Confirma-se a saída de Jesse Lasky, da «Paramount»

Nas eleições da Direcção da "Paramount", realizadas em Nova-York no dia 17 de Maio findo, não obteve votação o nome de Jesse Lasky, o que quer dizer que deixa de ser vice-presidente daquela casa, logar que ocupava ha já muitos anos. Parece que Jesse Lasky ingressará na "Fox".

sua aventura amorosa com a glorificada Greta Garbo, o que aumentou a popularidade do actor, graças tambem ao mistério que envolvia a actriz sueca. John foi durante aquele breve período o mais magnifico príncipe de lendas da Cine-lândia.

Mas casou-se e segundo a versão romantica de que o seu casamento com Ina Clair era uma manifestação da sua dôr, da sua tragédia, do seu despeito pelo rompimento com Garbo, John passou à categoria dos homens casados e deixou de inspirar a curiosidade mórbida e doentia das mulheres. O ídolo havia caído do pedestal...

Como veem, o problema não pode ser mais complicado para os industriais cinematográficos. «Já que êstes homens famosos não podem deixar de cair na tentação humana de casar-se, formulando êses votos que tam facilmente se esquecem, êses vinculos que tam facilmente se rompem, — dizem os produtores —, pedimos que ao menos não se dê tanta importância ao acontecimento. Que gosem da sua felicidade sem a espalharem aos quatro ventos...»

M. M. S.

«O Tenente do Amor» em França

"O Tenente do Amor", a opereta alemã que o "Trindade" estreia na próxima semana, com Dolly Haas e Gustav Froelich como protagonistas, acaba de ser apresentada em França com o titulo "L'Amour Commande". O Teatro Pigalle, de Paris, agora transformado em cinema, contratou "O Tenente do Amor" por 8 semanas.

Dentro e Fóra dos Estudios

A casa inglesa «British and Dominions» vai produzir «The Flag Lieutenant» «O Tenente de Marinha», com Henry Edwards como realizador e principal intérprete. Aquela fita já foi exibida ha anos, em Portugal, como silenciosa, tambem com Henry Edwards como protagonista.

Segundo as estatísticas da Secção Cinematográfica de Washington, ha atualmente na Europa 12.500 cinemas equipados em sonoro, não incluindo os cinemas soviéticos, tendo-se construído 428 novos cinemas na Europa, em 1931.

A «Fox» vai apresentar brevemente a fita «Congorilla», a nova fita sobre a Afaica feita pelos exploradores Martin Johnson e esposa.

A «Columbia» contratou Adolphe Menjou para interpretar o papel de detective numa série de três fitas policiais que aquela casa vai fazer, da autoria de Anthony Abbott.

Roubem Mamoulían, o realizador de «Ruas da Cidade», que está terminando «Love Me Tonight», com Chevalier, virá passar as férias a Europa logo que estiver pronta aquela fita.

O governo soviético acaba de contratar o desenhador e decorador americano Albert R. Johnson, que tem feito as decorações de alguns dos grandes êxitos dos teatros de Broadway, para trabalho idêntico em produções cinematográficas e teatrais soviéticas. Johnson sairá de Nova-York, com destino a Moscovo, em 15 de Junho.

O realizador W. S. Van Dyke, a quem devemos «Sombras Brancas» «Trader Horn», e que fez recentemente «Tarzan», todas para a «MGM», acaba de renovar o seu contrato com esta casa.

Lilian Harvey, cujo recente contrato com a «Fox» a nossa revista anunciou em primeira mão em Portugal, partirá para Hollywood em Novembro próximo, devendo casar em Outubro com Willy Fritsch.

Philipp Hersent, que em «Rapaz ou Rapariga?» interpreta o papel de noivo de Claude (Carmen Boni) foi contratado pela casa francesa «Stella Film» para um dos papeis de «Rocambole», que aquela firma está produzindo.

A casa alemã «Nero-Filme», produtora de «4 de Infantaria», «A Tragédia da Mina», «Matou», «Atlantida» e que vai fazer «O Testamento do Dr. Mabuse», de Fritz Lang, acaba de inaugurar uma sucursal em Paris.

Continuam um mistério os projectos de Greta Garbo. Diz-se agora que ela irá brevemente à Suécia, em simples viagem de férias, mas que voltará depois para

«M-G-M», e que esta casa não discutirá ex'gências financeiras...

Walt Disney, o famoso desenhador americano criador do «Rato Mickey» e das «Silly Simphonies» firmou contrato com a «United Artists», pelo qual esta casa distribuirá anualmente os 18 films que Walt Disney vai fazer com o «Rato Mickey» como protagonista.

George Arliss, que ha muito tempo trabalha para a «Warner», acitou a redução de selário que lhe propuzeram, de 80.000 para 60.000 dólares por cada fita.

Espera-se que a «Paramount» renove o seu contrato com Nancy Carroll.

A «Pathé Natan» vai produzir «Os Miseráveis», sob a direcção de Raymond Bernard. O filme terá três partes distintas,

conhecidos. São êles, Le Gallo e Marguerite Templey (que vimos respectivamente no «milionário» e na «costureira» de «Um homem feliz»), Mauricet (que teve um bom papel em «Anny na Alta Roda»), Paul Ollivier (que tem aparecido em muitos filmes franceses), Lucien Gallamand (que ainda ha pouco vimos «A Princesa Encantadora») e o já popularissimo Lucien Baroux.

Para protestar contra os pesados impostos com que a municipalidade de Viena sobrecarrega os cinemas da capital austriaca, foi resolvido que todos fechem a partir de 15 de Junho.

O realizador Carl Boese vai fazer uma fita em Viena, com Pat e Patachon como protagonistas.

Genevieve Tobin, que vimos em «Os



«Melicia da Paz», um filme da «Aafa», que esteve 8 semanas no cinema «Alkazar», de Madrid, é uma das mais divertidas películas apresentadas esta temporada. Vai ser distribuida entre nós pela Companhia Cinematográfica de Portugal.

cada uma, por assim dizer, independente e demorando duas horas a exhibir. A filmagem deve começar em Julho, apontando-se para o protagonista Gabriel Gabrio, que já fez a versão silenciosa dirigida por Henry Fescourt, em 1925. Henry Krauss e William Farmum foram os protagonistas das outras versões silenciosas feitas anteriormente.

Como noticiamos, a «Ufa» está produzindo «La Belle Aventure», dos escritores franceses Fiers, Cavaillet e Etienne Rey, com Kate de Nagy como principal intérprete. Com excepção do primeiro actor, Lecourtois, os restantes artistas em papeis de certa importancia são todos nossos

Filhos», firmou com a «Columbia» um contrato de longa duração. Está agora filmando para aquela casa «Hollywood Speaks» («A Voz de Hollywood»).

A «RKO» acaba de fixar «What Price Hollywood» («Quanto custa Hollywood») como o título definitivo da fita que está produzindo com Constance Bennett como protagonista, e que primitivamente se chama «Hollywood Madness» («Loucura de Hollywood») e «The Truth About Hollywood» («A verdade acerca de Hollywood»).

Terá a atalדה um fraco pelos actores cómicos? O lamentável destino de Roscoe Fatty Arbuckle, as moites glórias de Larry Semon e de Clyde Cook, chamado Dudule, assim o parecem demonstrar. Depois, o desaparecimento súbito do hilariante Picratt... E sempre o drama de Chaplin, história sem grandeza, dramas conjugais duma banalidade excessiva, mas dolorosos, tristes.

Não deve estar esquecido o divórcio do grande mímico, as perseguições de que éle foi vítima, a ferocidade duma esposa sem consciência nem amor-próprio. Penosa anedota, perturbada ainda pelo desejo que tinha Chaplin de não fazer sofrer os filhos.

É agora a vez de Buster Keaton, o homem de rosto impassível, e cuja insensibilidade cinematográfica faz desenrugar, por paradoxo, o rosto de toda a gente. Pungente aventura também a sua, que muito se aproxima da que Chaplin teve de suportar com Lita Gray; mas dela difere pelo facto de os dois caracteres em presença diferirem como o dia da noite.

Buster Keaton. Pobre Buster! Diz-se dele que não conseguiu aprender a rir quando nasceu na tenda dum circo de província, num dia de temporal... E é o criador dum género excepcional, único. A ilusão, o paradoxo, o funambulesco feitos homem.

Buster Keaton, o pai fel'z de Jinks e de Bob, único orgulho da sua vida; Buster Keaton, o esposo de Natália Talmadge; Buster Keaton que, daquí a algumas semanas, tornará a ser um feliz celibatário...

Este desfecho aproxima-se, após uma série desenfreada como a dum dos seus filmes, após emoções verdadeiramente dilacerantes.

Corria desde longa data a notícia de que havia um temporal desfeito sob o tecto de Buster:

— O barómetro indica tempestade — sussurravam as pessoas bem informadas.

E era infelizmente verdade. Natália Talmadge, como se sabe, é irmã de Norma e de Constance, ambas as quais conseguiram impor-se pelas suas graças e talento. Tam bela como as duas irmãs, e tam sedutora também, Natália não conseguiu, contudo, rivalizar com elas, porque as suas qualidades de comediante eram nitidamente inferiores; pode do facto ajuizar-se ainda pelo filme «As leis da hospitalidade», que foi o primeiro de Buster, e em que este quis dar a sua jovem esposa o ensejo de brilhar.

A celebridade de Norma e de Constance, e de seu marido, maior ainda, não podiam deixar de ferir Natália. Que felicidade para ela se o seu esposo pudesse chamar-se «sr. Talmadge!» Mas que humilhação ouvir-se chamar «Mrs. Keaton!» Conceu, por isso, a ambição de se tornar a mulher mais elegante de Hollywood. Os salários de Buster, apesar de elevados, volatilizou-os em despesas loucas, nos caprichos infantís. Semelhante tática não era de molde a manter a harmonia no lar...

Tanto mais que havia ainda outra coisa. Não só Buster se recusava a aceder aos pedidos de dinheiro exagerados de Natália, desejando reservar para seus filhos o resultado dos seus esforços e das suas conselheiras, o preço da sua perpétua impassibilidade, como se mostrava

A dolorosa aventura de Buster Keaton o marido desgraçado

ainda o mais melancólico dos maridos. Não é sem razão que se afirma que os humoristas, e em geral todos os indivíduos aos quais incumbe a tarefa de fazer rir os outros, são pessoas insulsas.

A máscara séria de Buster não é apenas uma máscara do «studio». O grande cómico gosta duma casa em ordem, dum lar calmo, da solidão, de todas as coisas



Buster Keaton é um ardente entusiasta do jogo do «base-ball»

que Natália Talmadge lhe não podia oferecer. A situação agravava-se de dia para dia, e chegou-se a julgar que havia coisa mais grave, envolvendo-se no caso os indiscretos. Foi forçoso reconhecer, contudo, que Natália fora sempre fiel e que Buster, logo que os afazeres do «studio» lho permitiam, se preocupava com a educação dos filhos, não podendo enganar sua mulher.

Foi então que Norma Talmadge interveio, desejando estabelecer a paz no lar; os seus esforços esbarrraram com a intransigência de Natália, ferida em seu

amor-próprio, e que aproveitou o ensejo para exprimir uma resolução que afirmava ser definitiva: consagrar-se inteiramente ao «studio».

Buster sentiu que era o fim; a separação tornava-se inevitável. Tinha de optar pelo divórcio. Mas surgiu então subitamente em seu espírito a recordação do divórcio do seu ilustre camarada Chaplin, o honesto vagabundo, a eterna vítima, que tivera a ingenuidade de acreditar na justiça e na lei... O aparelho judiciário não deixou de o atormentar, quasi o reduzindo à ruína.

Buster Keaton é um homem estranho, que sabe acautelar-se das surpresas; adora as viagens imaginárias à lua, através das nuvens. Para remover as dificuldades do Código, bastava imaginar um truque. Que importava a lei?

Se fizesse como Chaplin, seria dada razão à esposa, imutável regra americana; e as despesas do processo assumiriam proporções astronómicas.

Alem disso, não queria ver-se separado dos filhos; receava que fossem confiados a Natália, esposa desleixada, mãe sem excesso de ternura.

Preparou então uma extravagante aventura: fugir para o México, levando Jinks e Bob. Depois se veria...

Mas, como nas suas farças, esqueceu-se da necessária precaução: nada deixar transpirar do seu projecto. Como era natural, foi sua mulher a primeira a sabê-lo, e correu a avisar a polícia. E em San-Diego, no momento em que o avião ia descolar, apareceu-lhe um agente da ordem...

Agora o divórcio segue o seu curso. O tribunal resolverá quanto à divisão dos filhos pelos dois esposos. Buster continuará a fazer rir as multidões; e esta ruidosa separação, se nada acrescentar à sua glória, conferirá ao menos a Natália a palma do martírio, permitindo-lhe conquistar uma popularidade que não pudera obter doutra forma.

No écran, o rosto impassível conservará a impassibilidade do costume, a serenidade que nunca terá sido o reflexo desse coração.

M. M. BESSY.

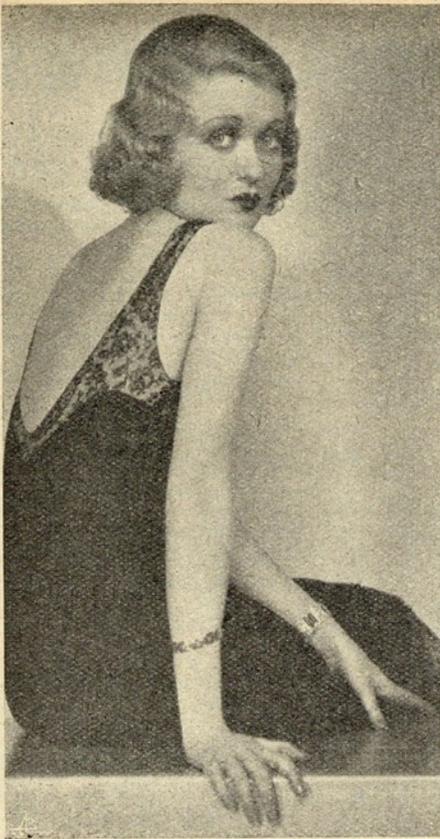
Nesta semana fazem anos:

De 4 a 10 de Junho

- Junho 4 — Jane Chandler.
- 5 — Frank yn Farnum (39).
- 5 — William Boyd (34).
- 8 — Clarence Badger, realizador.
- 8 — Ernest B. Schoedsack, realizador.
- 9 — Ralph Graves (32).
- 10 — Cleve Moore (28).

Eisenstein com a «M-G-M».

Chega-nos a noticia de que o célebre director russo S. M. Eisenstein acaba de ser contratado pela «M-G-M». Como não temos confirmação official, damos esta noticia sob todas as reservas.



Constance Bennett,
uma das artistas
preferidas pelo publico dos
Estados Unidos

A roda do destino anda sempre

do cinema americano, tais como: Douglas Fairbanks sênior, Norma Talmadge e sua irmã Constance e outros da mesma classe e de fortuna quasi opulenta.

Mas os outros, mas Madge Bellamy, Louise Brooks, Olive Borden, Pauline Stark, Phillis Haver, Bessie Love, Patsy R. Miller, Esther Ralston e esses grandes nomes que foram Percy Marmont, Corinne Griffith, Florence Vidor, Dolores Costello, O'ga Baclanova, Vilma Banky, e a eléctrica Colleen Moore, que é feito deles? E John Gilbert, Charles Morton, Lane Chandler, Georges K. Arthur, Jack Mulhall, porque os não vemos nos *écrans* dos salões portugueses? Brilharam no início do falado, e depois... nada mais os assinalou à atenção dos espectadores.

No cinema europeu, alguns nomes entraram também na sombra: Greta Mosheim, a grande actriz alemã de teatro,



Dorothy Jordan,
outra artistista da t'ela que
ainda não conheceu as
amarguras do esquecimento

Comparável a uma imensa e implacável roda que andasse constantemente, esmagando todos os que não souberam merecer os seus favores, o destino do cinema-falado é atirar para o olvido certos nomes, certos rostos que foram luminosos e colocar, pelo contrário, em plena claridade deslumbradora, nomes ontem obscuros, figuras tornadas cintilantes como estrelas de Junho.

O cinema-falado, desde que existe, fez implacavelmente a sua escolha normal. Os que não podiam ou não sabiam conservar o seu lugar foram escurraçados. Houve feridos, mortos. Houve ruínas, doenças, chagas secretas. Os artistas a quem a sorte definitivamente abandonou retiraram-se do campo da luta para ceder o terreno aos outros, aos vitoriosos. Raras são as vedetas do cinematógrafo mudo que, não tendo filmado no princípio do falado, voltaram ao seu trabalho no «studio». Raiíssimos são os artistas que conseguiram impôr-se no falado com a mesma glória que tinham no mudo.

Mas esta selecção fatal e natural afastou também dos *écrans* grande número de rostos sedutores, talentos incontestáveis que os espectadores dos dois Mundos lamentam não tornar a admirar.

A começar pelas vedetas de ontem, encontram-se entre aqueles e aquelas a quem a sorte não favoreceu, entre as antigas «estrelas», artistas de valor aos quais só a fadiga e a lassitude obrigaram a retirar. São os grandes temores



Esther Ralston,
que entrou no ocaso
da sua
carreira de «estrela»

a *vamp* morena Vivian Gibson, o acrobata Luciano Albertini, a encantadora Arlette Marchal, e Lia Mara, Ruth Weyher e tantos outros.

Mas o cinema só pode viver renovando-se. E foi assim que na América uma grande floração de jovens rostos claros, de talentos vivos e são substituiu a geração já esquecida.

E Loreta Young, Madge Evans, Joan Bennett, Jean Harlow, Irene Dunn, Karen Morley, Dorothy Jordan, Helen Hayes, Rose Hobart foram levar aos *écrans* dos U. S. A. o seu encanto picante e os seus rostos de aurora. E depois temos Carole Lombard, Constance Bennett, Ina Claire, Miriam Hopkins e a mais talentosa de todas essas comediantes, Sylvia Sidney.

Philip Holmes e Clark Gable substituíram na memória ingrata dos espectadores os nomes de John Gilbert e de Charles Rogers, que foram muito tempo os dois ídolos do público *yankee*. Uma nova «estrela» acaba de levantar-se no horizonte californiano: Fredric March, que é o ilustre protagonista de «Dr. Jekyll e Mr. Hyde», onde desempenha o duplo papel que lançou John Barrymore.

E ha ainda, graças a Deus, tanto em Hollywood, como em Berlim e em Paris, vedetas favoritas do público, e cujo nome atrai uma multidão apaixonada.

E' assim que Glória Swanson, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Norma Shearer, Joan Crawford, Billie Dove, Leila Hyams, Bebe Daniels, Mirna Loy, 13

Lily Damita, Janet Gaynor, Ruth Chatterton continuam a dominar os *écrans* americanos desde longos anos. Ao passo que Ramon Novarro, Gary Cooper, Paul Lukas, Charles Farrell, George O'Brien, Ronald Colman, Clive Brook, Wallace Beery, William Powell, Douglas Fairbanks Junior ocupam um lugar cada vez mais importante.

Na França, o cinema falado revelou uma encantadora rapariga, Meg Lemonnier, impôs a deliciosa Marie Glory e a encantadora Annabella, a plástica Marcelle Chantal e fez de Jean Murat, Henry Garat, Préjean, os ídolos do público entre nós.

As «vedetas» do mudo, como Gina Manés, Kate de Nagy, Lillian Harvey retomaram o seu doce reino e a opereta lançou muitos actores de teatro, cantores e dançarinas, como Boucot, Milton, Garat, Roger Treville, etc.

Mas que é feito das actrizes do cinema: Sandra Milowanoff, Mady Christians, a patética Lillian Gish, o impressionante Lars Hanson e de tantos belos rostos, máscaras duma arte visual que está irremediavelmente morta?

Sabemos do regresso ao cinema de Mãe Marah, de Clara Bow, ao passo que Lill Dagover e Pola Negri, que pertenceram ao cinema alemão da grande época, continuam a colher êxitos sobre êxitos, tanto na Alemanha como nos Estados Unidos.

Mas penso em todos aqueles que o tempo e a nova arte afastaram dos «estúdios»... Penso nos grandes nomes que fizeram o grande cinema, na época do cinema sueco, na do cinema americano, nas investigações técnicas do cinema alemão, nessas máscaras com que cada obra de excepção do tempo do mudo foi maravilhosamente ornada.

Sessua Hayakawa voltou para o cinema com «Os Olhos do Dragão». Mas onde encontrou o Sessue Hayakawa de «Forfaiture», e o Lars Hanson de «Gosta Berling», o Gosta Eckmann de «Carlos XII», a Pola Negri de «La Dubarry, Asta Nielsen que desempenhou «Hamlet» e «Tragédia da Rua», Jannings do «Último dos Homens», Conrad Veidt das «Figuras de Cera» de Paul Léni, Werner Krauss no «Caligari», Rudolph Klein Rogge no «Mabuse» e tantos outros que para nós ballsaram o cine-mudo e que o cine-falado expulsou ou modificou a ponto de já os não reconhecermos?

Não estou a advogar uma época já afastada, e que ninguém deve lamentar. Mas observo apenas que o cinema-falado, privando-nos de primeiros planos reveladores de patético intenso e que reflectiam pensamentos, tornou impossível a personificação por um «rostro» do cinema de tal ou tal país. Já não ha escola; ha um cinema-falado internacional, ancas, pernas à mostra e um rosto inteligente de longe a longe. Que nos restituam bela paisagem carnal: o rosto dum homem ou duma mulher que a objectiva nos entregava palpitante de vida concentrada. Que o cinema-falado nos per-

Pelas nossas Cinemas

RAPAZ OU RAPARIGA? (La Femme en Homme): — A engraçada comédia de Ugo Falena, que ha anos vimos como filme silencioso, tambem dirigida por Augusto Genina e com Carmen Boni como protagonista, foi agora fonofilmada, seguindo fielmente a versão silenciosa, sem perder o fundo a um tempo alegre e ligeiramente sentimental em que assenta a comédia de Falena, de caracteres bem desenhados, como o do austero duque intimamente satisfeito com o aparecimento dum ignorado neto... que afinal é uma neta, e o de esta, uma espé-



cle de «Little Lord Fauntleroy» que rapidamente conquista as simpatias do rígido avô.

No velho duque, André Dubosc, um veterano do cinema, um dos bons actores da velha guarda, tem uma interpretação saliente. Os diálogos com Armand Bernard, em que teve atitudes e inflexões de grande artista, a sequência em que descobre o verdadeiro sexo de Claude, e a gargalhada irónica com que fecha o filme, são suficientes para categorizarem André Dubosc perante os que não conheciam o seu valor. Carmen Boni, graciosa, deve ter conquistado as simpatias dos espectadores, daqueles que já quasi a haviam esquecido do silencioso e a veem agora no seu primeiro filme falado. Armand Bernard, que é um excelente cómico, vale metade desta película. Mas acho que ele está repetindo-se muito, abusando daquelas sonoras gargalhadas *Oh! oh! oh! oh!* que acabarão por não fazer rir, tal como certas dansas fantazistas de alguns desenhos animados... Armand Bernard tem talento de sobra para não carecer de tais frequentes repetições, que não devem beneficiá-lo. Agora isso, chamou a si a atenção do público, e, por assim dizer, «roubou» o papel a Carmen Boni.

A realização de Augusto Genina nada tem de notavel. E' até, cinematicamente,

mita fixar, no período que actualmente percorre as linhas movediças, flexiveis e humanas, dum firme rosto animado pela intelligencia e pelo pensamento. E então certas «vedetas» de hoje terão de voltar ao *music-hall* ou ao teatro... ou de recommear.

LUCIE DERAIN.

dos seus filmes mais fracos, e não deve ter tido necessidade de grande esforço de intelligencia para fotografar os quadros da obra de Falena, apenas com dois ou três *travellings* sem grande valor e sem esquecer o inevitável comboio à mistura...

Não sendo um trabalho de apreciável cinema, «Rapaz ou Rapariga?» é, no entanto, uma fita de méritos comerciais, que faz rir o público e que este recebe, portanto, com prazer.

Autor: Ugo Falena. Fotógrafo: Périnal. Decorador: Meerson. Realizador: Augusto Genina. Intérpretes: Claude, Carmen Boni; Duque de Bressy, André Dubosc; O intendente, Armand Bernard; Princesa, Françoise Rosay; outros intérpretes, Alex Bernard, Victor Vina, Bernard Kovots, Pitouto, Phillip Hersent.

Produzida em 1932 pela «Tobis». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa. Estreada no «Águia d'Ouro» em 30 de Maio 1932.

ESCORREGAR NÃO E' CAIR (Le Petit Ecart): — Descansando um pouco das cine-operetas que nos tem apresentado, a «Ufa» deu-nos ha tempos a maravilhosa produção dramática «Traição», ha pouco a excelente comédia musical «Um homem feliz», e, agora, uma outra comédia, género vodevilhe — «Escorregar não é cair».

De todas as produções com que a «Ufa» nos tem deliciado, esta é a mais inconsistente, a de mais fraca estrutura, talvez porque o género vodevilheco, pelas suas intrincadas e complexas situações, exija dos que se abalançam a tais produções, para que elas não calam nos dominios do vodevilhe teatral, qualidades excepcionais, uma prática que não se consegue sem o tributo de qualquer fracasso,



prática e qualidades que, de certo, o realizador Reinhold Schuenzel e o produtor Guenter Stapenhorst não possuem ainda.

«Escorregar não é cair», sendo o seu primeiro filme-vodevilhe, é, julgo-o, o tributo que eles estão pagando... A abundancia do diálogo, que desde os primeiros momentos do sonoro tenho condenado, particularidade que a «Ufa» tem sabido afastar das suas produções, toma nesta fita logar de absoluta proeminencia, de modo que «escorregar não é cair» vive quasi exclusivamente da conversa, e a imagem é relegada para complemento do diálogo construtivo de todas as complicadas situações, numa ampla negação de modelação filmica.

Jeanne Boitel, Louise Lagrange, Pi-

zani, Berley e Richard Wilm, todos nós conhecidos e todos correctamente nas respectivas personagens, todas no mesmo nível de importância, deixando o unico papel saliente para o apreciado e excelente cómico Lucien Baroux.

Para quem não se importar de ver no cinema o que com mais amplas vantagens pôde ver no teatro, e para quem compreender bem o francez, «Escorregar não é cair» pode ser uma produção divertida.

Autores: Reinhold Schuenzel e E. Pressburger. Fotógrafo: W. Brandes. Decorador: Schlichting. Autor musical: Ralph Erwin. Realizador: Reinhold Schuenzel, com a colaboração com Henri Chomette. Intérpretes: *Jacqueline*, Jeanne Boitel; *O advogado Heller*, Richard Wilm; *O conselheiro Martial*, Lucien Baroux; *Auguste Becker*, André Berley; *Lona Becker*, Louise Lagrange; *O pianista*, Pizani; *A cantora*, Miss Diarra.

Produzida em 1931 pela «Ufa» (Guenther Stapenhorst). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd. Estreada no «Trindade» em 30 Maio 1932.

ATLANTIC (Atlantic): — E. A. Dupont, inspirado no naufrágio, ha anos, do «Titanic», realzou um filme que foge da vulgaridade na reprodução ou reconstrução dos grandes accidentes marítimos, conseguiu alimentar nove ou dez bobinas só com as cenas dum naufrágio, tratadas de maneira inusitada, mas nem sempre com o interesse desejável e preciso para que a condução cinegráfrica se evidencie como recomendável.

E. A. Dupont — que não tornou a fazer outro filme com a segurança, quiçá com a felicidade de «Variedades» — não manteve em «Atlantic» uma firmeza de técnica que desse ao filme o necessário equilibrio para que toda a metragem, sem motivos secundários a sustentarem devidamente o desenvolvimento da razão básica do entrecho — apenas um caso de adultério surgindo como episódio destacante no ambiente do naufrágio — decorresse em imagens ritmadas, provocadoras de interesse. Conseguiu apenas parcialmente, mostrando, na sequência do choque do paquete com o iceberg, com a sucessão de ordens transmitidas de superior para inferior, na paragem das máquinas, na invasão das águas, na fingida tranquillidade dos officiais de bordo, um crescendo de intensidade dramática que é das melhores situações filmicas, do melhor cinema de toda a obra. Infelizmente, não são frequentes tais situações, não se repetem mesmo, em «Atlantic», que é prejudicada por quadros absolutamente dispensáveis, por sequências inteiramente desnecessárias, por uma deficiente tomada de sons, tudo acusando os três anos da película, três anos que são hoje, em matéria de fonocinema, uma idade já muito avançada...

A interpretação, que é meramente

episódica, confiada a um grupo de bons actores, nenhum com destaque especial, todos nivelados. Excelente a fotografia, com um felicissimo quadro, aquele em que a prôa do navio aparece, em grande plano, cortando a água.

«Atlantic», hoje, é um filme em que as boas qualidades que possui são apreciadas sem entusiasmo. Quando foi feito, no início do sonoro, seria um êxito.

Realizador: E. A. Dupont, com a colaboração de Jean Kemm nesta versão francesa. Intérpretes: *Janvry*, Maxime Desjardins; *Lambert*, Constant Rémy; *Mme. Lambert*, Alice Field; *Mme. Janvry*, Mme. Kerwich. Outros intérpretes: Gaston Dupray, Bélières, Hélène Darly, Escoffier, Harry Crimer.

Produzida em 1929 pela «British International Pictures». Programa Comp. Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Olimpia» em 30 Maio 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

**Incontestavelmente o
melhor receptor é o**

M E N D E

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

BATALHA
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

UM TRIUNFO DO FONO-CINEMA

TRAIÇÃO

Primoroso fono-filme da «Ufa», produção Erich Pommer
com CHARLES BOYER e ODETTE FLORELLE

TEÇA-FEIRA, 7

O GRANDIOSO FILME-OPERETA

A Princesa Encantadora (Ronny)

Com a graciosa KATE DE NAGY

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 20

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 9 e 11 de Junho
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 9 e 11 de Junho
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 9 de Junho
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 11 de Junho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

◆ ◆  ◆ ◆

**Depois do grande exito
nos cinemas**

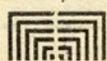
São Luiz }
Condes } Lisboa

Trindade }
Agua d'Ouro } Pôrto

a maravilhosa super-produção trágico-cômica

**LUZES DA
CIDADE**

**vai continuar por todo o País
a sua carreira triunfal**



é um filme de

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.

